

EU QUERO LAVAR A MINHA MÃO:

Reflexões sobre um processo de avaliação de abuso sexual na infância

I WANT TO WASH MY HAND:

Reflections on an evaluation process of childhood sexual abuse

Cristiane Friedrich Feil¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar um caso de processo de avaliação para psicoterapia de uma criança, vítima de abuso sexual, realizado no período de estágio de psicologia clínica. Também serão abordados conceitos acerca do tema abuso sexual na infância e suas implicações no desenvolvimento infantil e a evolução do atendimento. Pode-se concluir o quanto um caso desse tipo mobiliza tanto paciente como terapeuta e a importância em casos como esse de um acompanhamento psicoterápico.

ABSTRACT: This article aims to present a case of the evaluation process for psychotherapy of a child victim of sexual abuse, carried out from the stage of clinical psychology. Will be also discussed concepts on the subject of childhood sexual abuse and its implications for child development and evolution of care. One can conclude how much such a case includes both patient and therapist and the importance in such cases follow-up psychotherapy.

Palavras-Chaves: Abuso Sexual; Infancia; Psicoterapia

Key-Words: Sexual Abuse; Childhood; Psychotherapy

¹ Psicóloga, formada pela PUCRS. Endereço para correspondência: Rua Coronel Massot, 525/301 – Cristal, POA/RS – 91910-530. Fone: (51) 92921780 e E-mail: cristiane.feil@acad.pucrs.br

Cruel,
A triste realidade...
Que em vez de mel,
Transborda maldade.
(...)
Sofrimentos,
Que não são escutados...
Lamentos,
Que são abafados.

Triste criança só,
Que é maltratada...
Dela não têm dó,
Vivendo aprisionada.

Muita crueldade,
Assistem no mundo...
Na infância e mocidade,
O terror é profundo.

O adulto tem que acordar,
E olhar em redor...
Então lutar,
Por um mundo melhor.

(autor desconhecido)

Abuso sexual em crianças

O abuso sexual de crianças vem se tornando um tipo de violência cada vez mais difundida na infância, com implicações psicossociais, legais e médicas (KAPLAN E SADOCK, 1993). De acordo com Furniss (1993) há uma constatação cada vez maior deste fenômeno por parte dos profissionais, originada de fontes como: o crescente movimento dos direitos da criança e o aumento do conhecimento e preocupação com a saúde física e mental da criança.

Ferreira (1999) aponta para o fato de o abuso sexual ser definido como o uso da criança para suprir as necessidades e desejos sexuais do adulto, podendo variar de carinho suave a estupro forçado, resultando em injúria física. Já, Glaser (1991, apud Amazarray e Koller, 1998) afirma que o abuso sexual pode ser entendido como o envolvimento de crianças e adolescentes em atividades sexuais que ainda não compreendem em sua totalidade e com as quais não estão aptos a concordar. Sendo assim, o abuso sexual da criança configura-se como uma relação que viola as regras sociais e familiares da nossa cultura.

De acordo com os profissionais que trabalham com saúde mental, a definição de abuso sexual de crianças está relacionada com os aspectos psicológicos e aos fatores do desenvolvimento psicosexual da criança (FURNISS, 1993). De acordo com Anna Freud a definição para o abuso sexual da criança afeta tanto em nível do desenvolvimento psicossocial como psicosexual da criança, tendo conseqüências nos processos normais de maturação. Essa autora afirma ainda que

“no abuso sexual da criança esta não pode evitar ficar sexualmente estimulada e essa experiência rompe desastrosamente a seqüência normal da sua organização sexual. Ela é forçada a um desenvolvimento fálico ou genital prematuro, enquanto as necessidades desenvolvimentais legítimas e as correspondentes expressões mentais são ignoradas e deixadas de lado” (ANNA FREUD, 1981, p. 33, apud, FURNISS, 1993).

Crianças vítimas de abuso sexual, comumente apresentam sentimento de culpa. Segundo Furniss (1993), o sentimento de culpa origina-se do senso equivocado de responsabilidade que a criança acredita ter como participante do abuso. Em casos de ameaças

essa culpa ainda é reforçada, sendo a criança a responsável pelas conseqüências da revelação do abuso. A persistente experiência psicológica de participação e culpa explica a baixa autoestima e também o comportamento de vítima dos adultos que sofreram abuso sexual na infância.

Outro aspecto muito comum em crianças vítimas de abuso sexual é a imaturidade emocional quando comparadas a crianças da mesma faixa etária (FURNISS, 1993). Além disso, percebe-se o comportamento sexual inadequado que inclui: brinquedo sexualizado com bonecas, introduzir objetos ou dedos no ânus ou vagina, masturbação excessiva e em público, comportamento sedutor, conhecimento sexual inapropriado para a idade e pedidos de estimulação sexual para adultos ou outras crianças (KENDALL-TACKETT, WILLIAMS E FINKELHOR, 1993; apud AMAZARRAY & KOLLER, 1998).

Para Kaplan e Sadock (1993) os efeitos psicológicos e físicos do abuso sexual ou dos maus-tratos podem ser devastadores e perpétuos. Crianças que foram sexualmente estimuladas por um adulto sentem ansiedade e excitação excessiva, perdem a autoconfiança e se tornam desconfiadas em relação aos adultos. Ferreira (1999) releva ainda que o abuso e os maus-tratos têm conseqüências marcantes, uma vez que reorganizam a arquitetura cerebral. Quando ameaçado, um ser humano encadeará respostas físicas e mentais específicas que são adaptativas. A ameaça crescente altera o estado mental, o estilo de pensamento, a fisiologia e o comportamento. Quanto maior a ameaça, mais primitivo se torna o estilo de resposta. O funcionamento emocional, comportamental e cognitivo refletirá esse estado quase sempre regressivo.

Com o abuso o funcionamento de defesa passa a ter quatro características específicas: “memórias fortemente visualizadas ou repetidamente percebidas, comportamentos repetitivos que se transformam em presságios, medos específicos ligados ao trauma que distorcem percepções e modificação de atitudes face às pessoas, aspectos da vida e futuro” (TERR, 1991, apud FERREIRA, 1999, p 33).

De acordo com a mesma autora, estas características são ancoradas em defesas como a negação maciça, a repressão, a dissociação, a auto-anestesia, a identificação com o agressor, entre outros. Estas acarretam a estruturação de um self paralisado evolutivamente. A impotência e a incapacidade de defesa diante do abuso deterioram a competência da criança, que reage indiretamente com manobras de silêncio e afastamento e sintomas encobridores.

Ocorre à perturbação do senso do que é certo e a alteração do juízo crítico da mesma, já que a intrusão passa a ser sinônimo de interesse, atenção e carinho. A auto-estima é afetada com sentimento de dano físico permanente que se sucede ao abuso sexual. A estimulação e o reforço das respostas sexuais da criança levam-na a usar o comportamento sexual para gratificar outras necessidades, condicionando uma sexualização prematura e inapropriada, identidade sexual confusa e padrões desviantes de excitação sexual. E por fim ocorre uma sensação constante de ser acusado, molestado, envergonhado e culpado.

Muitas vezes, o sistema familiar acaba permitindo a criança de ser vítima desse tipo de violência. Normalmente os pais participam ou encorajam o abuso, no mínimo eles falham em oferecer a supervisão e proteção necessária e permitem que o abuso continue. Geralmente a atividade sexual é iniciada na infância e a criança se desenvolve até a vida adulta sem reconhecer o comportamento como abusivo (AMAZARRAY E KOLLER, 1998).

Flores e caminha (2004) ao estudarem a dinâmica do abuso sexual intrafamiliar, apontam para algumas características familiares que são sugestivas de abuso sexual intrafamiliar como: violência doméstica; pai e/ou mãe abusados ou negligenciados em suas famílias de origem; pai alcoolista; autoritário ou excessivamente moralista; mãe demasiadamente passiva ou ausente; cônjuges em relação sexual inadequada; famílias reestruturadas (com presença de madrasta ou padrasto); pais que acariciam seus filhos ou exigem determinado tipo de carícias dos mesmos, violando a privacidade sexual; pais que permanecem muito tempo a sós com seus filhos; filhas desempenhando papel de mães; filhas promiscuas ou que apresentam comportamento autodestrutivo; crianças isoladas e retraídas, com poucos amigos; ou ainda crianças que apresentam comportamento sexual inadequado para sua etapa de desenvolvimento.

Em casos de abuso sexual extrafamiliar, é comum os pais manifestarem profunda preocupação com a criança, expressando principalmente preocupação com os possíveis danos físicos e efeitos psicológicos. Ocorre também, em casos de ter mais filhos, preocupação de que estes também possam ter sofrido algo. Esses pais estão muito dispostos a procurar ajuda e freqüentemente buscam terapia. Sentimentos de desamparo e perda de controle, em combinação com intensa autocensura e sentimento de culpa são reações parentais muito comuns nesses casos. Pais ausentes aumentam a vulnerabilidade de ocorrência de casos de

abuso sexual extrafamiliar, assim como também a ausência de uma figura paterna pode tornar meninos mais vulneráveis ao abuso homossexual (FURNISS, 1993).

As mães sexualmente abusadas podem apresentar um desejo muito ambivalente de buscar ajuda para seus filhos. De um lado, elas querem ajuda urgente para a criança sexualmente abusada, porém quando a crise diminui, é comum o abandono do tratamento. Essas mães apresentam ainda um círculo vicioso de evitação, elas não conseguem lidar como mães com o abuso sexual do filho, porque acaba fazendo-as lembrar de seu próprio abuso sexual e impede que lidem como mulheres com sua própria vitimização porque acabam tendo que enfrentar o fato de que um sofrimento semelhante está infringindo seu filho. Deve-se distinguir entre o abuso da mãe e o abuso da criança e mantê-los separados (FURNISS, 1993).

A autora ainda aponta para o fato de essas mães apresentarem sentimentos de culpa por não terem conseguido proteger a criança exatamente do mesmo trauma que elas sofreram e não terem conseguido evitar isso para seu filho.

Trabalhar com crianças vítimas de abuso sexual é lidar com um desafio muito singular. Ao ser identificada uma criança abusada sexualmente, a equipe terapêutica ou profissional responsável pelo caso se depara com um sentimento de paralisção e imobilização (FERREIRA, 1999). Essa autora ainda aponta para o sentimento de perplexidade muito comum nesses profissionais, sendo esse sentimento muito comum quando nos deparamos frente ao desconhecido, indeterminado, o azar, o aleatório e o inconcebível. Devido esses sentimentos, a autora aponta ainda para a importância de que a contratransferência seja devidamente identificada e manejada pela equipe terapêutica, sendo necessário apoio e cuidado constante a esses profissionais e equipes que atendem crianças abusadas em função do aumento do *stress* que esse tipo de trabalho traz. A psicoterapia tem como objetivo reestruturar o trauma e reintegrar o “self” do abusado. Desta forma, a relação terapêutica é essencial.

Para Rosenberg (1994) a criança costuma fazer sintomas naqueles lugares que se tornam mais insuportáveis para seus pais. O sintoma acaba aparecendo como um substituto de um desejo reprimido, podendo ser utilizado inconscientemente pelos pais para pedir análise. O sintoma também pode aparecer no lugar de algo que ficou bloqueado no desenvolvimento de suas relações inconscientes com seus próprios pais. Desta maneira, as crianças, em muitos

momentos, acabam reatualizando os conflitos enterrados, muitas vezes não resolvidos pelos pais.

Desenvolvimento infantil e Avaliação para psicoterapia com crianças

A idade pré-escolar inclui crianças de três a seis anos em média. Nesse período de vida, suas capacidades estão se desenvolvendo rapidamente. Sua vida de fantasias se caracteriza por uma riqueza expressa no brincar e nas dramatizações, nas quais é capaz de representar papéis com as suas identificações com os pais, heróis, princesas, monstros que habitam seu mundo interno. A criança nessa fase demonstra uma intensa imaginação e uma ansiedade aguda que possibilitarão importante acesso ao seu inconsciente, resultando em um grande impulso no processo terapêutico (ZAVASCHI, BASSOLS, BERGMANN E COSTA, 2005).

Em relação às fases do desenvolvimento psicosssexual proposto por Freud (1905) encontramos a fase fálica que ocorreria por volta dos três aos cinco anos de idade, onde os genitais da criança têm sua sensibilidade aumentada, ocorrendo nessa época então, o início da masturbação. Dentro desse período, encontramos também o complexo de Édipo, onde o menino tendo descoberto seu pênis, deseja ingenuamente usar essa fonte de prazer recém descoberta para agradar à sua antiga fonte de prazer, a mãe. O menino passa então a invejar o pai e fica preso no desejo pela mãe, mas também com medo do poder do pai. Para lidar com esse conflito, é necessário que o menino então incorpore a imagem que tem do pai e tente adequar seu comportamento a essa imagem (BEE, 2003).

Durante o período pré-escolar é comum a preferência das crianças por amigos do mesmo sexo que ela, sendo também mais exigentes quanto a sua escolha de amigos e também bastante seletivos acerca de quais crianças irá brincar. Na faixa etária dos cinco anos, por exemplo, também pode ser observada a presença de medos como de animais, pessoas “más”, escuro, separação dos pais e ofensas físicas (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2001).

Ainda dentro dessa faixa etária, por volta dos cinco anos, à criança começa a aprender que seus pensamentos não podem, magicamente, provocar conseqüências e também já consegue se colocar no lugar da outra pessoa, conseguindo se identificar com o outro. Fraiberg (1980) também aponta para a ocorrência de indícios de um governo interno na

personalidade da criança, por volta dos cinco anos de idade. O exemplo de honestidade nos pais ajuda muito mais o desenvolvimento da honestidade na criança do que a simples ação disciplinar por dizer uma mentira.

Em se tratando de psicoterapia com crianças, Freud foi o pioneiro no trabalho psicanalítico com crianças, porém utilizando-se dos mesmos princípios técnicos dirigidos aos adultos (HACK, SCHMITZ, MOSMANN & SANTOS 2002). Autores como Aberastury (1982) e Glenn (1996) consideram a análise do Pequeno Hans, apresentada sob o título de Análise da Fobia de um Menino de Cinco Anos (1909), como sendo um marco inicial do tratamento psicanalítico com crianças. Acreditava-se na ocasião que apenas um genitor poderia agir como analista de um pequeno paciente, porque uma criança não confiaria suficientemente em um estranho para permitir o intercâmbio terapêutico. Através desse caso clínico foi possível fazer adaptações e posteriormente construir o tratamento psicanalítico com crianças, substituindo o processo de associação livre pelo brincar como forma de acessar os conteúdos inconscientes da criança.

As crianças diferem dos adultos e das outras pessoas nas estruturas de sua personalidade e no grau do fluxo desenvolvimental. Enquanto a análise dos adultos se dá no consultório, a criança é vista quer neste, quer na sala de brinquedos (GLENN, 1996). A psicoterapia da infância é baseada então, na compreensão do verbal e principalmente do não-verbal, sendo entendido o brincar da criança como a manifestação de seu mundo interno (COPPOLILLO, 1990).

Entre as especificidades do tratamento com crianças está o fato de que estas são trazidas para o tratamento pelos seus pais. Deste modo, podemos dizer que o terapeuta terá que lidar com duas partes: o paciente e os seus pais.

O início do tratamento psicoterápico infantil, geralmente é marcado pela realização do atendimento com os pais. Atendendo primeiramente os pais, é possível investigar o desenvolvimento da criança, história de vida da criança e do casal entre outros fatores importantes para o decorrer do atendimento. “Há uma infinidade de registros marcantes e fortes que, de certa forma, orientam e acompanham o seguimento posterior” (BORNHOLDT, 1989, p 32).

Quando se recebe pais que buscam atendimento para uma criança, os primeiros aspectos que devem ser considerados, de acordo com Oliveira (2003) é: a forma como eles

chegam, os sentimentos com os quais estão envolvidos e também o tipo de expectativa que tem em relação ao terapeuta. Os principais objetivos com os pais na psicoterapia de crianças é de ajudar os pais a compreenderem seus sentimentos e expectativas em relação ao filho e a origem deles em sua própria história. Ajudar os pais a rever sua história e a história da criança traz freqüentemente elementos fundamentais para a compreensão da situação e as intervenções do terapeuta ajudam os pais a estabelecerem a conexão entre situações presentes e passadas e conseguem discriminar seus próprios conflitos e ansiedades da criança.

De acordo com Aberastury (1982) a entrevista com os pais deve ser dirigida e limitada de acordo com um plano previamente estabelecido. A entrevista tem por objetivo que os pais nos contem sobre a criança e da relação deles com ela. A autora ainda aponta que o motivo da consulta deve ser a primeira questão abordada. Isto faz com que a ansiedade dos pais diminua, dando-lhes a oportunidade de recordarem melhor sobre o que lhes trouxe ali e também referente ao desenvolvimento da criança.

A presença de ambos os pais nas entrevistas de avaliação é imprescindível. Se formos considerar a criança como emergente de um grupo familiar, ao vermos o casal poderemos entender melhor sobre ela (ARZENO, OCAMPO E PICOLLO, 2001). A comparação dos dados recolhidos durante a análise com os fornecidos pelos pais é de suma importância para que se possa compreender melhor o funcionamento da família e a relação destes com o filho. (ABERASTURY, 1982)

Conforme Zimerman (1999) ao se referir sobre o momento de avaliação para a psicoterapia comenta que o período da avaliação não tem somente a finalidade de avaliar, mas também a de uma mútua apresentação das características do paciente e do terapeuta e a instalação de uma ótima atmosfera de trabalho.

Campbell (1985) salienta também que o tratamento de crianças com orientação analítica exige modificações importantes da técnica analítica clássica. Exige uma atividade maior do analista e com freqüência utilizando a hora do jogo como substituta de livres associações como meio de extrair fatores psicodinâmicos significativos. A técnica lúdica permite que a criança brinque com quase tudo que ela quer possibilitando para o terapeuta através desse brinquedo, analisar e esclarecer o problema emocional da criança. Os pacientes adultos traduzirão em palavras não só seus problemas, mas também as ações que podem ocorrer durante a análise.

Caso Clínico: Fabrício

Com base no exposto acima, o objetivo desse artigo é apresentar um caso clínico de uma avaliação para psicoterapia de uma criança vítima de abuso sexual na infância. O trabalho foi realizado durante o período de estágio de psicologia clínica em um centro de formação de psicoterapia de Porto Alegre.

Fabrício é um menino de 5 anos de idade que é trazido para tratamento por seus pais. A queixa relatada por eles é que o filho está regredindo, fazendo coisas de bebê, como xixi na cama e querer dormir com ursinhos. Segundo os pais, esses comportamentos começaram a aparecer há mais ou menos dois anos, momento que coincide com um aumento da aproximação e contato com um primo, o qual está tendo brincadeiras de serem namorados, tendo sido pego pela mãe dando beijos na boca desse outro menino.

Na escola, Fabrício também anda apresentando brincadeiras sexualizadas, sendo a mãe chamada por diversas vezes, pois o filho passou a mão na bunda de colegas da sua sala de aula e deu beijos na boca delas. A escola também queixa-se Fabrício tem dificuldades de copiar e parar quieto, e mostra-se um pouco agressivo em algumas situações.

Os pais de Fabrício são casados há 10 anos. Após 5 anos de casamento, Mariana e Rafael decidem ter um filho. Mariana relata que durante a gravidez tinha certeza que seria um menino, mas que a família toda dizia que seria uma menina, Rafael acaba acreditando em uma tia que afirmava ter certeza que seria uma menina, mas relata que após saber que era um menino ficou muito feliz.

Logo após o nascimento de Fabrício, Mariana retorna ao seu emprego e Fabrício acaba sendo cuidado por sua avó materna, a qual após um breve período não consegue mais cuidar do neto, este então passa a ser cuidado por uma prima. Porém, essa prima acaba também após um período não podendo mais cuidar do menino, Mariana, então, começa a pagar uma vizinha para cuidar de Fabrício. Essa senhora, vizinha de Mariana, cuida do menino até por volta de seus dois anos de idade.

Por volta dos 3 anos de idade, nas férias da creche em que Fabrício estava freqüentando, a mãe de Mariana se oferece para cuidar do neto. Mariana concorda, pois caso contrário precisaria pagar alguém para cuidar do menino. Nesse período de férias, em uma tarde que estava com a avó, Fabrício começa a brincar no pátio com o vizinho de 15 anos e a

avó entra em casa. Ao voltar para o pátio, não encontra seu neto, mas fica sabendo que foi até a casa do vizinho brincar com ele, como era comum Fabrício ter contato com esse vizinho não se importa e acaba permitindo que o neto permaneça na casa deste menino.

Após um mês desse ocorrido, Mariana fica sabendo por uma de suas vizinhas que Fabrício havia relatado que após ter ido na casa do vizinho brincar com ele que sua bunda começou a doer, mas que era porque caiu em uma de suas brincadeiras, porém, acaba também relatando que teve que colocar na boca e chupar, algo que ele não gostou. Mariana ao saber desse fato tenta conversar com Fabrício, mas o filho nunca conta nada a ela. Conversa também com a mãe do menino que teria brincado com Fabrício e ela diz não saber de nada. Porém, Mariana já havia presenciado uma cena, onde esse mesmo menino estava com outra menina no colo com a mão dentro da calcinha dela.

Mariana começa a desconfiar de um possível abuso, pois antes dela saber do que havia acontecido, Fabrício começou a colocar na boca diversos produtos de limpeza, como sabonetes e detergentes. Mariana se preocupava muito com medo que seu filho acabasse se intoxicando, mas depois de saber do que havia acontecido começa a entender o que o filho queria dizer com esse comportamento.

Logo após esse fato, o irmão de Rafael casa-se novamente e vai morar no mesmo terreno deles, juntamente com sua nova esposa e seu filho. Fabrício começa então a ter um contato muito próximo com esse menino, Henrique, o qual tem 2 anos a mais que Fabrício. Mariana e Rafael afirmam que a partir desse contato mais próximo os comportamentos de Fabrício mudaram. Fabrício começou a dizer que queria virar menina e casar-se com Henrique quando crescer. Passou a imitar Henrique no jeito de falar, tornou-se mais regressivo, fazendo xixi na cama e querendo dormir com ursinho.

Mariana e Rafael relatam que Fabrício sempre teve um bom sono dormindo na sua própria cama, porém, desde de que começou a ter contato mais próximo com Henrique começou a fazer todas as noites xixi na cama e começou a levantar-se durante a noite e ir para a cama dos pais pelado. Os pais, por não conseguirem fazer com que o filho voltasse para a cama, acabavam permitindo que o filho dormisse na cama com eles. Os pais de Fabrício ainda relatam que seguidamente quando a mãe de Mariana dorme na casa deles, o menino toma banha com a sua avó e por diversas vezes já comentou com Mariana sobre partes de seu corpo e que muitas vezes pede para tocar nelas.

Eu quero Lavar a minha Mão!

O processo de avaliação com o paciente durou cerca de 8 sessões, foram realizadas entrevistas com os pais do menino e com ele através da técnica de hora de jogo. Durante as primeiras entrevistas com Mariana e Rafael comecei a perceber que algo teria por trás de toda a história que eles me relatavam, sentia um clima pesado no ar que algo deveria ser revelado em breve. Solicitei então entrevistas individuais com Mariana. Na terceira sessão então, Mariana relata da sua suspeita de abuso sexual do o filho, afirmando ter certeza que isso teria ocorrido. Após me contar como ocorreu com o filho, Mariana chora muito e acaba me relatando que também foi abusada e que nunca havia falado isso com ninguém.

Mariana acaba comparecendo na terceira sessão como um momento de libertação de algo que estava segurando por muito tempo, mostrando uma necessidade intensa de ser ouvida e acolhida. Esse momento da entrevista acabou sendo a meu ver um ponto chave em toda a avaliação, pois foi possível entender muito melhor o que estava acontecendo com essa família.

Além das dificuldades que Mariana estava tendo para lidar com uma situação tão difícil de ver o filho passando por algo que ela também havia passado e não ter conseguido evitar isso, juntamente com o medo de revelar que ela também havia sido abusada. No final dessa entrevista senti a necessidade de abrir para Mariana a possibilidade de nos vermos em mais uma entrevista para falarmos um pouco mais sobre essas situações que havia ocorrido com ela e também com o filho, porém Mariana me diz que preferia que o filho viesse na semana seguinte, pois ele estava muito ansioso para vir e também ela achava que ele estava precisando muito mais do que ela naquele momento.

Acabo então respeitando a vontade de Mariana e combino com ela que na sessão seguinte eu veria o menino. Mas ainda deixando em aberto a possibilidade de até o fim da avaliação poder revê-la. Esta primeira etapa da avaliação foi bastante extensa, visto que Rafael e principalmente Mariana se encontravam bastantes confusos sobre as dificuldades de Fabrício e como manejá-las e, além disso, traziam muito material sobre suas infâncias.

Na primeira sessão de hora do jogo realizada com Fabrício, este se mostrou muito receptivo, demonstrando seu interesse em estar na sala. Percebi que se sentia à vontade quando estava lá, uma vez que era ele quem propunha as brincadeiras. Senti-me muito bem

com ele, foi uma sessão muito explorativa, o fato de ele ser bem agitado dificultou um pouco manter-se em uma brincadeira por muito tempo, mas conseguiu simbolizar bastante e sempre me convidando para ficar perto dele e brincarmos juntos. Fabrício apresentou boa capacidade de formar vínculos, pois notei que gostava do tempo que tínhamos na sessão, escolhendo atividades e me convidando para executá-las.

Pelo fato de já ter se passado o primeiro mês do período de contato de Rafael, conversei com Mariana sobre a possibilidade de ele comparecer em uma sessão extra na semana seguinte para podermos conversar um pouco mais sobre o menino. Mariana solicita que essa sessão fosse na parte da noite, pois ficaria melhor para o marido e confirma a vinda dele na semana seguinte, um dia antes da segunda sessão com o menino. Porém, ao ir até a recepção chamar Rafael, encontro o casal, Mariana havia estado acompanhando o marido. Ao nos direcionarmos para a sala de atendimento, a primeira coisa que me veio na cabeça foi que ela estava com medo de que poderia ser falado sobre o abuso que ela sofrera e também que o filho sofreu, pois Rafael não sabia de nenhum deles. Durante a sessão essa minha suspeita acabou ficando mais intensa, pois Mariana estava numa postura muito diferente do que nas sessões anteriores, não olhava para mim, estava apenas ouvindo o que o marido me relatava, ao ser incluída nos assuntos apenas respondia o que lhe era solicitado não participando muito dos diálogos.

No segundo encontro com Fabrício, este se mostra muito feliz em poder vir novamente à sala e brincar. Trás consigo brinquedos e diz que trouxe para podermos brincar com eles juntos. Foi uma sessão muito intensa, Fabrício através de sua brincadeira conseguiu trazer muito material, especialmente na brincadeira com a cola, onde mostrava seu nojo e prazer em estar brincando com ela e depois a dificuldade de permanecer com as mãos sujas sendo necessário ir ao banheiro lavar-se em dois momentos no decorrer da sessão. A brincadeira com a cola, a maneira como ela acabou acontecendo e as verbalizações que o menino fazia me deixaram muito paralisada, fiquei muito impactada em ver a maneira como ele brincava com a cola e o quanto aquilo realmente estava mostrando mais evidências sobre o abuso sexual que ele sofrera.

F: acho que tão brigando.

T: Tu acha? Porque?

F: Olha como eles falam.

T: Acha que eles falam assim porque estão brigando?

F: Aham.

T: E tu tem medo?

F: Sim.

T: Porque?

F: Deles virem aqui nos pegar.

T: E tu acha que eles viriam aqui nos pegar?

F: Pode acontecer, vem aqui mais perto de mim, daí eles não te enxergam, vamos ficar aqui quietinho que eles vão embora.

T: Tu acha então que se eles me verem eles vão me pegar?

F: Sim.

T: E o que acontece daí?

F: Eles levam embora. E daí a minha mãe vai pensar que eu fui pra casa sozinho.

T: E tu iria embora sem a tua mãe?

F: Sim. Às vezes sim. Agora eu vou pegar e recortar. Não, vou colar, vou fazer uma garagem para o carrinho.

Fabrício primeiro estava cuidando para não sujar o carrinho com cola, mas depois de fazer algumas voltas ao redor do carrinho acaba sujando ele com a cola, começa então a rir, fazendo uma expressão de muita felicidade pela sujeira que estava fazendo.

F: olha, que legal.

Continua a brincadeira de contornar o carrinho com a cola, mas cada vez mais fazia de propósito que a cola caísse por cima do carrinho e cada vez que sujava mais o carrinho, mais Fabrício parecia gostar. Continuou colocando a cola por cima do carrinho até terminar a cola. O carrinho estava completamente sujo de cola, a cola estava saindo pelas janelas do carrinho e Fabrício ficava sorrindo.

F: ta sujando tudo com essa cola. Agora eu quero ir lavar a minha mão! Chega de brincar disso com essa coisa branca nojenta. Eu quero lavar a minha mão para brincar de outra coisa. Eu quero lavar a minha mão agora!

Após terminar a brincadeira com a cola, Fabrício pede para ir embora, nesse momento lembro a ele que ainda tínhamos tempo para ficar ali brincando, o menino então decide ir

brincar na casinha e me convida para brincar com ele. Sinto um vínculo muito forte com ele e uma necessidade muito grande de ajudá-lo. Com a proximidade do fim da sessão, lembro-o que teríamos que arrumar a sala e ele então diz que não quer ir embora que estava gostando de ficar ali comigo. Pelo fato de não poder permitir que ele continue ali brincando relembro as combinações que havíamos feito e ele então decide que iria ajudar a arrumar a sala, mas que voltaria na semana seguinte para brincar mais com a casinha.

O fato que acabou me mostrando um maior vínculo entre Fabrício comigo, ocorreu na terceira sessão de hora do jogo com ele, onde ao ir buscá-lo na recepção ele levanta-se e pega na minha mão, caminhando de mãos dadas comigo até chegar à sala de atendimento. Nessa sessão, sinto como se Fabrício tivesse feito a mesma coisa que a mãe fez logo após me contar do abuso comparecendo a sessão juntamente com o marido, uma necessidade de ter certeza sobre a confiança depositada em mim. Fabrício inicia a sessão fazendo exatamente o que tinha dito na última que faria: brincar na casinha. No momento em que termina a brincadeira diz que quer ir embora e, por mais que eu tentasse fazer com que ele ficasse, só dizia que voltaria no dia seguinte para me contar as coisas que estavam acontecendo com ele, os segredos que ele tinha. Após algumas tentativas de tentar explorar quais os motivos dele querer ir embora antes do final da sessão, senti uma necessidade de deixar o menino ir embora, como se ele estivesse pedindo aquilo para ter certeza sobre o nosso vínculo.

A última sessão de hora do jogo realizada com o menino acabou sendo o momento mais difícil para mim de todo o processo. Ao chegar Fabrício já se mostrou quieto, não respondendo as minhas perguntas sobre os brinquedos que havia trazido. Ao chegar à sala, senta e logo diz não querer brincar comigo, que iria apenas brincar com os brinquedos que havia trazido e depois iria embora. Tento ver com ele o que estava acontecendo para ele não querer nem olhar para os brinquedos da caixa dele, mas Fabrício não consegue estabelecer um diálogo comigo, começando então a chorar e dizer que quer a sua mãe. Vamos até a recepção e convidamos Mariana para ir conosco até a sala de atendimento. Fabrício então fica o restante da sessão abraçado com a mãe, não falando mais nada.

Para mim tornou-se um momento muito difícil, pois Mariana trouxe muitas informações importantes sobre os comportamentos do menino após o início das sessões com ele, como o fato dele estar mais revoltado e falando que odeia homens e o seu pai. Porém, percebi que o choro e o pedido de ter a mãe junto dele na sala ocorreu após a brincadeira que

Fabrcio estava fazendo de retirar a roupa do boneco que havia trazido para brincar. Senti que aquela brincadeira acabou mobilizando muito ele, mas sentia-me com dificuldade de trazer esse assunto na frente de Mariana, pois a mae mostrava-se um pouco contrariada de estar na sessao junto com o filho.

Comecei a pensar que meu primeiro passo seria trabalhar com essa dupla, mae e filho, e que ambos estavam precisando da minha ajuda. A identificacao desse filho com a mae e ao mesmo tempo dessa mae com esse filho nao me permitiria que trabalhasse com ambos separadamente.

Após essa etapa foi concluída a avaliação e feito o encaminhamento para a psicoterapia individual e o contrato feito com Mariana foi o de que, por questões financeiras, iniciariamos com uma sessao por semana. Com todo esse processo realizado, foi possível ter uma compreensao sobre o caso, principalmente sobre Fabrcio e os comportamentos que estava apresentando. Através do conhecimento da história de vida dos pais, Mariana e Rafael, foi possível um maior entendimento sobre o menino.

A história de vida de Rafael e de Mariana mostrou-me que ambos tiveram histórias de abandonos em sua infância. Mariana relata sobre sua história com muito sofrimento e dificuldade de falar sobre o assunto, especialmente o fato de ter sido abusada quando criança e nunca ter conseguido contar isso para ninguém, fato que encontramos também com Fabrcio, que mesmo a mae tentando conversar com o menino nunca conseguiu falar sobre o assunto, permanecendo um segredo e um assunto difícil de ser falado. Outro fato que acaba sendo repetido com o filho é dos pais terem dificuldades de arrumar uma pessoa que consiga cuidar do filho quando ambos estavam trabalhando. Fabrcio acaba passando por situações de abandono igual as que seus pais passaram quando crianças, primeiro sendo abandonado pela avó materna, depois pela prima e por último, quando havia feito um vínculo forte com a pessoa que cuidava acaba indo para a creche.

Fabrcio acaba trazendo esse comportamento também para as sessoes, mostrando-se muito assustado e em alguns momentos fazendo brincadeiras e/ou desenhos que não podiam ser vistos pela terapeuta, ou então, afirmando ter algo para contar, mas que não poderia falar naquele momento e que contaria somente na sessao seguinte. Esse comportamento também pode ser entendido como uma representacao do segredo que o menino carrega, tendo sempre algo que ser escondido ou evitado.

Pelo fato de ter um segredo que era difícil de ser falado, foi necessário um bom estabelecimento de vínculo com a mãe primeiramente e posteriormente com a criança. Através desse vínculo com a mãe e o respeito do tempo necessário para que ela conseguisse trazer todas as informações relevantes sobre o desenvolvimento do filho, acabou proporcionando a revelação de um ponto chave dos sintomas que o menino estava apresentando, a revelação do abuso sexual que o menino havia sofrido. Anteriormente a essa revelação, acabava ficando uma incógnita, sentia algo trancado e após o estabelecimento da confiança da mãe em mim ela conseguiu falar sobre o assunto e também contar que ela mesma havia sofrido também um abuso sexual quando criança.

Acredito que esse fato, o estabelecimento da confiança, configurou-se em um ponto fundamental de toda a avaliação, sendo possível dar uma direção mais clara sobre o que estava se passando com o menino e compreender todo o sofrimento que estava tendo tanto a mãe como aquele menino. O fato de Mariana ter vindo na sessão que havia sido marcada apenas para o pai, acabou me levando a pensar que ela estava precisando ter uma confirmação da confiança que estava depositando em mim. Mariana comparece a sessão juntamente com o marido e se mostra silenciosa e permanece durante todo o tempo mais ouvinte do que participativa. O mesmo acaba ocorrendo com Fabrício que na medida em que consegue se expressar mais livremente através da brincadeira, na segunda sessão, volta na sessão seguinte com um comportamento mais retraído, tendo dificuldades de brincar e pedindo para ir embora antes do término do tempo. Foi possível fazer então, uma relação no comportamento de ambos, na medida em que era tocado no assunto do abuso sexual, ambos necessitaram de uma prova de confiança para conseguirem seguir a avaliação.

O fato de o paciente estar com um comportamento mais regressivo, brincadeiras sexualizadas, agitação, passar a mão na bunda de colegas e beijá-las na escola e ter ingerido produtos de limpeza, tendo iniciado de acordo com as informações trazidas pela mãe coincidindo com a época em que foi tida a suspeita do abuso sexual. Juntamente com a sua brincadeira durante as duas primeiras horas do jogo, com o uso excessivo de cola, massinha de modelar, dificuldade de lidar com a sujeira e o fato dessas brincadeiras lhe gerarem muita ansiedade nos leva a pensar que realmente algo ocorreu conforme é relatado pela mãe do paciente. Essas características apresentadas, vão de encontro com a teoria sobre o assunto, onde é comum um aumento da sexualidade e uma paralisação evolutiva ficando a criança

vulnerável ao outro, assim como é citado também por Ferenczi (1933) há uma confusão de línguas, onde a sexualidade é entendida como sinônimo de carinho.

Fabrizio mostra também uma grande dificuldade de lidar com limites, mostrando não ter tido um interdito do pai, mostrando-se muito identificado com a mãe. Especialmente em uma das brincadeiras onde me convidou para brincar de mamãe e filhinho e se deu conta que pelo fato de sermos apenas duas pessoas, eu a mãe e ele o filho, não teríamos um pai na brincadeira e Fabrizio acaba dizendo que não precisaríamos de um pai para podermos brincar. Esse fato juntamente com a verbalização que a mãe traz na última sessão com ela que Fabrizio anda verbalizando que odeia todos os homens e o pai e diz que quer que eles morram pode nos fazer pensar que Fabrizio está imerso na conflitiva edípica, onde o menino deseja a mãe e o pai é tido como um rival. Porém, o menino apresenta também uma forte identificação com a mãe, me levando a pensar que o pai está sendo uma figura além de rival um pouco ausente na relação.

Fabrizio além da identificação com a mãe acaba também sendo envolvido em um ambiente negligenciado, onde a mãe de Mariana acabou trocando a filha por homens e o pai a expulsa de casa por não acreditar na filha, Mariana acaba tendo uma imagem masculina muito ruim, principalmente pelo fato de ter sido abusada por um homem de grande referência para ela na época. Isso tudo acaba se refletindo na gravidez, onde Fabrizio tanto por parte do pai como por parte da mãe acaba não podendo ser um menino. Mesmo sendo desejado pela mãe que fosse um menino, se este assumir um papel masculino, pode acabar trocando-a, assim como sua mãe fez com ela. Fabrizio carrega então a função de ser o falo da mãe, possivelmente, aos comportamentos afeminados que o menino vem tendo e o seu desejo verbalizado de querer ser uma menina pode ser uma busca para assumir esse papel tão desejado pelos pais.

A dificuldade que Mariana tem de lidar, ou até mesmo de conversar sobre o possível abuso sexual que o filho sofrera e também de Rafael não saber que sua mulher também passou pela mesma situação quando criança, acaba refletindo no pai uma incógnita de seu filho ser normal ou não.

Por Fabrizio ainda não ter uma identidade definida, vivendo em meio a um segredo que não pode ser falado e também sendo visto pela mãe como uma vítima assim como ela também se enxerga, o menino se utiliza da imitação para conseguir encontrar uma identidade.

Newcombe (1999) aponta que a imitação é um comportamento esperado em crianças de 1 à 3 anos de idade e está relacionada com a capacidade simbólica, sendo utilizada como uma forma eficiente de aprender e aperfeiçoar novas informações, com o intuito de promover interações sociais, aumentar semelhanças com o outro, excitação emocional ou até mesmo para atingir metas, sendo então uma base para a aprendizagem humana.

Na idade em que Fabrício se encontra é esperado que ele, através do interdito paterno, saia do complexo de Édipo e identifique-se com esse pai, direcionando o seu desejo pela mãe para os estudos, entrada na vida escolar. Porém, não podemos esquecer que Fabrício teve uma vivência traumática, foi vítima de um abuso sexual, tendo atualmente demonstrado características esperadas e comuns em crianças que sofreram esse tipo de violência. Ou seja, suas atitudes sexualizadas e seus medos possivelmente estão a cargo dessa violência sofrida, juntamente com a dificuldade dos pais em lidarem com esse assunto, gerando um atraso no seu desenvolvimento ou então, conforme a verbalização dos pais uma regressão, tendo comportamentos mais infantis do que manifestava antes do abuso sexual.

A dificuldade que a mãe acaba tendo de enfrentar esse segredo, algo que não pode ser revelado, acaba se mostrando também na sua fala, onde sempre encontra uma explicação concreta para os comportamentos manifestos do filho, colocando sempre a culpa disso em um terceiro, não podendo reconhecer que assim como ela também viveu o abuso pode ter sido a causa de todo esse comportamento.

O título do trabalho escolhido, é uma fala que o menino repetiu algumas vezes durante uma das sessões de hora do jogo e que me fez pensar que para que ele conseguisse seguir em frente no seu desenvolvimento ele precisaria lavar as mãos, assim como dizia para que para continuar brincando precisaria lavar as mãos, ou seja, era preciso primeiro ser limpo o que estava sujo, no caso, as mãos, para com isso ele conseguir seguir seu desenvolvimento normal, ou então, mais adaptado com o que é esperado para sua idade.

Considerações Finais

Com tudo isto, podemos constatar que Fabrício apresenta um atraso em seu desenvolvimento emocional, mostrando-se muito ligado a mãe e procurando a interferência do pai para que possa colocar limites nesta relação simbiótica. Esse passa então a ser nosso

ponto de partida depois de realizada a avaliação. O menino inicia um atendimento psicoterápico onde o objetivo central é trabalhar na dupla mãe-filho para conseguir fortalecer a ambos.

O caso apresentado, devido à intensidade do assunto tratado, mobilizou-me muito, como terapeuta responsável pela avaliação e foi necessário muita discussão sobre o material em supervisão e com uma equipe especializada no assunto de abuso sexual na infância para que os passos seguintes a avaliação fossem os melhores possíveis para essa família que mostrava-se muito fragilizada.

Porém, apesar dessa dificuldade, acredito que como iniciante consegui dar o máximo a esse paciente e sua família, especialmente com a criação de um vínculo e possibilitando que o segredo começasse a ser falado. Foi apenas um início aqui apresentado, mas certamente Fabrício seguindo em tratamento conseguirá lidar de uma maneira mais adaptada e seguir se desenvolvendo.

Referências

- ABERASTURY, A. *Psicanálise da criança*. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.11, n.3, p. 559-578, 1998.
- ARZENO, M. E. G.; OCAMPO, M. L. S. & PICOLLO, E. G. *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BEE, H. *A criança em desenvolvimento* (9º ed.). Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BORNHOLDT, I. Início de tratamento psicoterápico de crianças. In: DUARTE, I. BORNHOLDT, I. CASTRO, M.G. K. *A prática da psicoterapia infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989 p. 32-41.
- CAMPBELL, Robert J. *Dicionário de Psiquiatria*. 5ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- COPPOLILLO, H. *Psicoterapia psicodinâmica de crianças: uma introdução as teorias e às técnicas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FERENCZI, S. *Escritos Psicanalíticos: 1909 – 1933*. Rio de Janeiro: Taurus Timbre, s. d.
- FERREIRA, M. H. M. Algumas reflexões sobre a perplexidade compartilhada diante do abuso sexual. *Publicação CEAPIA*, v.12, p. 27-44, 1999.

- FLORES, R. Z. & CAMINHA, R. M. Violência sexual contra crianças e adolescentes: Algumas sugestões para facilitar o diagnóstico correto. *Revista de Psiquiatria do RS*, v. 16, p. 158-167, 1994.
- FRAIBERG, S. *Os anos mágicos: a primeira infância – compreensão e educação*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FREUD, S. (1905). *Os três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud. São Paulo: Imago v. VII, 1980.
- FURNISS, T. *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar?* Porto Alegre: Artes médicas, 1993.
- GLENN, J. Princípios gerais da análise de crianças. In: GLENN, J. *Psicanálise e Psicoterapia de crianças*. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- HACK, S. K.; SCHMITZ, A. B.; MOSMANN, B. A. P. & SANTOS, J. C. Como “tratar” os pais na psicoterapia de crianças: uma revisão teórica. *Publicação CEAPIA*, n. 13, 2002.
- KAPLAN, M.; SADOCK, B. J. *Compêndio de Psiquiatria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- NEWCOMBE, N. *Desenvolvimento Infantil: Abordagem de Mussen*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *O mundo da criança*. São Paulo: Mcgraw-Hill, 2001.
- ROSENBERG, A. M. S. *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. São Paulo: Escuta, 1994.
- ZAVASCHI, M. L. S.; BASSOLS, A. M. S.; BERGMANN, D. S.; COSTA, F. M. C. Abordagem psicodinâmica na infância. In: EIZIRIK, C. L.; AGUIAR, R. W.; SCHESTATSKY, S. S.; COLS. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos* (2º ed.). Porto Alegre: Artmed, 2005 p. 717-737.
- ZIMERMAN, David E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.